

CORDÃO CARNAVALESKO “ÚLTIMA HORA”: UMA TRADIÇÃO ARTÍSTICA E CULTURAL DE CARNAVAL DOS RIBEIRINHOS DA AMAZÔNIA PARAENSE

CARNAVALESKO BLOCK “ÚLTIMA HORA”: AN ARTISTIC AND CULTURAL TRADITION OF CARNAVAL OF THE BORDERING THE AMAZON PARA

Jalva Farias Teles / UDESC / UFPA
Rosângela Marques de Britto / UFPA

RESUMO

Uma análise do Cordão “Última Hora”, tradição artística e cultural dos ribeirinhos da Amazônia, como uma prática carnavalesca secular que envolve a arte do teatro, da música e das comédias que satirizam sobre assuntos em voga. O trabalho postula analisar a cultura local, por meio do estudo do saber-fazer das máscaras que compõem um dos elementos plásticos do cordão. É necessário considerar uma descrição reflexiva sobre os personagens, indumentárias e a organização da apresentação do Cordão “Última Hora”. Utilizamos como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica e o trabalho de campo com entrevistas semiestruturadas e registros fotográficos. Ao final, apresentamos as memórias dos participantes como forma de contextualizar a tradição da festividade e sua singularidade como carnaval ribeirinho ou de rio.

PALAVRAS-CHAVE

Cordão carnavalesco “Última Hora”; Preservação Cultural; Arte; Memórias.

ABSTRACT

An analysis of the block “Última Hora”: artistic and cultural tradition of the bordering the Amazon, as a practice secular Carnival that involves the art of theatre, music and comedy to satirize subjects in vogue. The work postulates to analyze the local culture through the study of the know-how of the masks that make up one of the plastic elements of the cord. Necessary to consider a reflective description about the characters, outfits, and the Organization of the presentation of the block “Última Hora”. Used as methodological procedure to bibliographical research and field research with semi-structured interviews and photographic records. At the end we will present the participants memories as a way to contextualize the festivity tradition and uniqueness as your riverside or rio carnival.

KEYWORDS

Block carnavalesco “Última Hora”; Cultural Preservation; Art; Memories.

Introdução

A comunicação apresenta uma análise do Cordão “Última Hora”, tradição artística e cultural dos ribeirinhos da Amazônia, como uma prática carnavalesca secular, que envolve a arte do teatro, da música e das comédias que satirizam sobre assuntos em voga. O trabalho postula a revitalização histórica da cultura local por meio do estudo do saber-fazer das máscaras que compõem um dos elementos visuais da plasticidade dos elementos que compõem o cordão, a indumentária dos personagens e suas máscaras. No primeiro tópico apresentamos o local da pesquisa de campo, em seguida uma descrição reflexiva sobre os personagens, indumentárias e a organização da apresentação do Cordão “Última Hora” pela narrativa de memórias dos artistas/brincantes. Ao final, apresentamos as memórias dos participantes, como forma de contextualizar a tradição da festividade e sua singularidade como carnaval ribeirinho ou de rio, enfatizando a importância desta festividade local a ser ensinada ou mesmo integrar o currículo da disciplina de Arte nas escolas, como forma de preservação desta prática cultural local.

Preservação das Culturas populares ribeirinhas em Cametá (PA)

Um dos aspectos relevantes a ser considerado no estudo sobre cultura é compreender as práticas culturais como resultado social de uma coletividade, que podem ser transmitidas oralmente, através de lembranças e relembrações dos mais idosos para os mais jovens, estabelecendo-se de maneira informal, expressando ideias, valores, anseios, costumes e conceitos de uma sociedade, que se tornam imprescindíveis para construir ou reafirmar a identidade de um povo. A cultura se consolida a partir de relações dinâmicas, pois possui estilo próprio e mobilidade no espaço e no tempo. Como afirma Peter Burke (2006, p. 41): “Embora o passado não mude, a história precisa ser reescrita a cada geração, para que o passado continue inteligível para um presente modificado”.

Como uma dinâmica de relação social, o carnaval é uma das mais ricas manifestações da cultura brasileira. Nesta prática cultural, em cada espaço/local da nação ela se realiza com características próprias, peculiaridades locais e semelhanças que se aproximam. Este artigo é parte da pesquisa do mestrado profissional realizado no âmbito do Programa do Mestrado Profissional em Artes da Universidade Federal do Pará (ProfArtes/UFGPA), tendo como objetivo estudar a dinâmica desta manifestação que se caracteriza como carnaval ribeirinho, realizado anualmente na cidade de Cametá, no estado do Pará, situado na região Norte do Brasil. Lembrando que Cametá destaca-se por ter o carnaval como uma de suas práticas culturais mais expressivas.

O município de Cametá localiza-se na margem esquerda do rio Tocantins (Figura 1), na microrregião de Cametá, de acordo com o IBGE (2018) possui cerca de 3.122,0 km² de extensão territorial e população estimada em 136.390 habitantes.



Figura 1. Localização do município de Cametá em relação ao estado do Pará, com destaque ao rio Tocantins onde se situa um de seus afluentes, o rio Tem-Tem, na comunidade deste rio moram membros do grupo “Última Hora”. Fonte: IBGE, 2010.

TELES, Jalva Farias; BRITTO, Rosangela Marques de. Cordão carnavalesco “Última Hora”: uma tradição artística e cultural de carnaval dos ribeirinhos da Amazônia paraense, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2156-2168.

A cidade possui práticas culturais bastante diversificadas, das quais destacamos: o banguê, o samba de cacete, a síria, as festas de santos e o carnaval, que permeiam a vida da população que vive tanto no espaço urbano quanto no rural. O município de Cametá abrange inúmeras ilhas, dentre as quais destacamos aquelas que tradicionalmente apresentam manifestações carnavalescas que dão ênfase aos cordões: “Tem-Tem”, “Turema”, “Pacovotuba”, “Furtado”, “Vila de Juba”, dentre outras. O estudo enfatiza a ilha Tem-Tem, comunidade que se destaca no cenário carnavalesco local, por haver ali um dos cordões carnavalescos mais antigos do município: O Cordão “Última Hora”, sendo este grupo cultural o objeto da pesquisa em andamento.

Neste sentido, ressaltamos a produção artesanal das máscaras como um processo cultural em que se deve pensar nas formas pelas quais as culturas nacionais também contribuem para “costurar” as diferenças em uma única identidade construída a partir de diversos e plurais processos inter e/ou transculturais. Sobre os processos dinâmicos e plurais de constituição de identidades, citamos Stuart Hall (2005), ao afirmar que muito embora as identidades nacionais também estejam sendo deslocadas pela globalização, esse fenômeno contribuiu para a mobilidade das identidades culturais, desintegrando-as, homogeneizando-as e, por conseguinte, tornando-as fracas. O autor explicita que os processos de abertura das culturas nacionais à exposição e às influências externas dificultam “conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural” (HALL, 2005, p. 74).

Desse modo, o choque com um conjunto de identidades culturais é um traço marcante da contemporaneidade, sendo possível afirmar que é interessante até que isso ocorra, por certo há um enriquecimento, uma troca cultural, mesmo estando cientes de que é praticamente impossível não se deslumbrar com tudo isso, sem recusar a tensão entre o global e o local, que, ideologicamente, é permeada por outros interesses. Inegavelmente, a globalização exerce múltiplas influências sobre

as identidades, desenvolvendo uma diversidade de situações inéditas e possibilidades de identificação, tornando as identidades cada vez menos originais e permanentes.

As culturas não podem ser pensadas como puras. Todo povo recebe influências culturais de diversos povos. O Brasil, por excelência, recebeu influência ameríndia, europeia, africana e asiática. É esta diferença que proporciona a riqueza cultural de cada grupo, comunidade e sociedade. Para Hall (2009):

Outro efeito desse processo foi o de ter provocado um alargamento do campo das identidades e uma proliferação de novas posições de identidade, juntamente com um aumento de polarização entre elas. Esses processos constituem a segunda e a terceira consequências possíveis da globalização, anteriormente referidas – a possibilidade de que a globalização possa levar a um fortalecimento de identidades locais ou à produção de novas identidades (HALL, 2009, p. 23).

A cultura, assim como a identidade, é híbrida, constituída a partir de fluxos migratórios, pois uma pessoa pode ter nascido em um país, morado em outro e pertencer a várias religiões, com isso, as identidades convergem formando a sua identidade específica. Muitos padrões culturais podem sofrer mudanças em função deste trânsito sociocultural ou sincretismos, bricolagens ou ainda por questões de assimilação, pertencimento e, sobretudo, a não aceitação de uma única identidade.

Sobre a questão de identidade cultural, Stuart Hall (2003) faz uma discussão enfatizando uma concepção diferente sobre identidade. Neste sentido, o autor afirma que é importante entendê-la, buscando uma maior compreensão sobre este conceito. Nessa concepção, o sujeito passa a assumir identidades diferentes em momentos diferentes, uma vez que estas não são unificadas em um “eu” coerente. Desse modo, o autor ressalta que dentro de nós existem identidades que são contraditórias em diferentes direções (HALL, 2003). A partir dessa visão, pode-se afirmar que o sujeito não possuía uma identidade fixa, uma vez que a identidade vai sendo formada de acordo com os sistemas culturais que os cercam.

O estudo sobre a concepção de identidades se faz relevante para entendermos e lançarmos uma luz a partir deste filtro conceitual sobre o longo do tempo de constituição dos processos de formação e de organização (ou não) do Cordão Carnavalesco “Última Hora”, assim como as maneiras como este grupo vem sendo modificado ou ressignificado pelos seus membros/brincantes e artistas. Estas reflexões sobre esta manifestação cultural realizada em Cametá (PA), conhecida como Carnaval das Águas, torna-se importante, no intuito de entender os diversos cordões que o compõem, para assim obtermos uma visão mais ampliada do seu significado ou ressonância dentro da própria comunidade.

É interessante a argumentação de Hall (2003) de que dentro de uma mesma nação temos várias diferenças culturais, de línguas, hábitos e costumes, rompendo com aquela ideia de nação homogênea, com uma identidade cultural unificada. Neste sentido, seguindo Hall (2003), é importante ressaltar que:

[...] à medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as *identidades culturais* intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural (HALL, 2003, p. 74, grifos do autor).

Assim, vale ressaltar que é preciso saber lidar com as diferenças culturais existentes e perceber que através do contato entre as diferentes culturas é impossível manter as identidades culturais ilesas, não obstante, esse processo vem ocorrer na comunidade que vive nos afluentes do rio Tem-Tem.

É notório que homens e mulheres, desde a sua existência, vêm construindo e reconstruindo, inovando e renovando como ocorre nas manifestações culturais dos ribeirinhos da região Tocantina, pensando e repesando, criando e recriando produzindo e reproduzindo a cultura nativa. Assim, a cultura constitui-se como uma história viva do homem com seus costumes e tradições, que fazem parte de suas experiências, diferenciando-o enquanto ser social. Dentro desse contexto, o Brasil

TELES, Jalva Farias; BRITTO, Rosangela Marques de. Cordão carnavalesco “Última Hora”: uma tradição artística e cultural de carnaval dos ribeirinhos da Amazônia paraense, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2156-2168.

possui um legado cultural bem diversificado e muito rico nesse cenário, onde o carnaval se apresenta como ícone cultural nacional.

Contudo, não se pode buscar unidade no carnaval do Brasil, pois em cada espaço do país adapta-se e reconfigura seus elementos visuais e plásticos constituintes, como exemplo, o fenômeno de cor, criação cênica, em especial destacamos a *performance* que ocorre na ilha Tem-Tem, em Cametá (PA), considerado um carnaval com características ribeirinhas, pois sua rua de desfile dos grupos é o rio Tocantins e seus afluentes, sendo que a musicalidade marca o ritmo diferencial importante e determinante, assim como a dinâmica pulsante das cores presentificadas pelas vestimentas de seus brincantes sobre os barcos regionais, associado ao contexto das nuances de cores verde da floresta e o tom de terra barrenta do rio, este conjunto compõe o cenário natural da paisagem local.

Ilhas do município de Cametá e suas manifestações carnavalescas

O carnaval de Cametá destaca-se, também, pelos cordões carnavalescos ribeirinhos, dentre estes o “Última hora”, pertencente à localidade do Tem-Tem, que, a partir de nossas entrevistas, segundo relatos do Sr. Antônio de Carvalho Mendonça (70 anos), surge com a característica onde “os homens se vestiam de moças”.

O cordão é formado pelos seguintes personagens: o primeiro palhaço, o segundo palhaço, o psiqueiro, o comédia (personagem que entoava versos e poesias em voz alta), além dos cavalheiros. Segundo o depoimento do Sr. Alquimides Vital Batista, as damas não eram mulheres, naquele tempo só homens participavam e vestiam-se de mulheres. Confirma o Sr. Alquimides Vital Batista:

Era mais respeito, por exemplo, a senhora não ia consentir que a sua filha fosse ao meio de vinte homens, andar o dia inteiro e chegar de noite. Hoje você sabe como é mulher, então se era vinte cavalheiros vestidos de homem era vinte meninos, assim vestidos de mulher (Vital Batista, entrevista concedida em 23/02/2019).

No que se refere às fantasias, há diferenças entre os personagens. A do palhaço, por ser muito bem enfeitada, tudo é minuciosamente trabalhado, diferente dos cavalheiros, que pode ser lisa com várias cores. As cores simbólicas do Cordão “Última Hora” são: vermelho, amarelo, azul e verde. Usa-se como acessório também, o cabeção ou as máscaras, que são feitas de papelão, com moldes de forma de barro. Essa forma de barro é forrada com papelão, depois passa-se a goma¹ e forra; quando seca ela solta e vai para pintura, de acordo com a criatividade dos envolvidos na confecção. Assim afirma o Sr. Alquimides Vital Batista:

É muito bacana dona, o carnaval do interior, eu gosto do carnaval daqui, é diferente! Do interior é bom porque você tem o que escutar, têm as poesias, é tipo quase um teatro, o carnaval naquele tempo era bom porque era ensaiado por mestre, hoje qualquer uma tira comédia, naquele você gostava da comédia, que só tinha quem, só se aguentasse de rir (Vital Batista, entrevista concedida em 23/02/2019).

O cordão “Última Hora”, segundo o Sr. Alquimides Vital Batista (um dos coordenadores-do cordão), ao entrevistar o sr. Aquiles Ranieri (irmão da fundadora do cordão); a senhora Cornélia Ranieri (falecida) havia relatado que o cordão teria sido fundado em fevereiro de 1934, no dia da comemoração do aniversário do filho de um amigo dela. A programação seria para celebrar o aniversário: com uma ladainha em ação de graças e depois uma festa dançante ao som do samba de cacete. Ela convidou os amigos para fazer uma surpresa ao pai do aniversariante, preparou algumas máscaras em forma de barro, formato de rosto humano, forrada com papel de embrulho ou jornal velho colado com goma de tapioca da mandioca. A princípio, seria apenas uma surpresa, revelada apenas para quem iria participar da brincadeira.

No dia do evento, ao anoitecer, a sra. Cornélia Ranieri reuniu cerca de 10 pessoas entre homens e mulheres, sendo que os homens se vestiram de mulher e as mulheres de vestiram de homem, e ficaram fora da sua residência aguardando o

TELES, Jalva Farias; BRITTO, Rosângela Marques de. Cordão carnavalesco “Última Hora”: uma tradição artística e cultural de carnaval dos ribeirinhos da Amazônia paraense, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2156-2168.

chamado, quando o samba de cacete mandou sua primeira fornada², os mascarados subiram dançando e se misturaram aos convidados.

As vestimentas são coloridas, tendo como principais cores o vermelho, amarelo, azul e branco, feitas de cetim, conforme exposto nas Figuras 2 e 3.



Figura 2. Primeiro palhaço, um dos personagens do Cordão “Última Hora”, no rio Tocantins. Foto da autora, 2019.



Figura 3. Apresentação Cordão “Última Hora”, em um barracão na comunidade. Foto da autora, 2019.

TELES, Jalva Farias; BRITTO, Rosangela Marques de. Cordão carnavalesco “Ultima Hora”: uma tradição artística e cultural de carnaval dos ribeirinhos da Amazônia paraense, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2156-2168.

As máscaras (Figuras 4 e 5) eram feitas de cuias retiradas de uma árvore chamada cuieira, que produz uma fruta popularmente chamada de balde, de onde se faz as cuias que servia para confecção das máscaras, depois passaram a ser feitas de papelão, logo depois passaram a ser feitas de barro.



Figura 4. Molde da Máscara do primeiro Palhaço do Cordão “Última Hora”.
Foto da autora, 2019.



Figura 5. Máscara de dois brincantes do Cordão “Última Hora”, feitas com material reciclado.
Foto da autora, 2019.

TELES, Jalva Farias; BRITTO, Rosangela Marques de. Cordão carnavalesco “Última Hora”: uma tradição artística e cultural de carnaval dos ribeirinhos da Amazônia paraense, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2156-2168.

A máscara contém detalhes evidentes em sua forma: lábios e olhos grandes, rosto com pequenas pontas, dentre outros. O processo de criação do sr. Vital, que identifica um ser com características autênticas. É possível verificar uma similaridade em termos do processo de criação – forma, cores e materiais. O formato das sobrancelhas torna-se olhos atentos e a boca evidenciada com diferente posicionamento. As máscaras simbolizam a diversidade no processo de criação em relação ao contexto estético.

Considerações Finais

Compreender e analisar as peculiaridades dos cordões carnavalescos dos ribeirinhos cametaenses nos remete a pensar no carnaval a partir de uma dimensão pluralizada, a partir da arte e suas minúcias. Essas, por sua vez, concretizam-se através das diferentes manifestações culturais que se organizam e se apresentam expressando suas particularidades.

Os cordões de carnaval das áreas ribeirinhas são práticas culturais que nos permitem associar o real e o imaginário, onde homens e mulheres se transformam ao incorporar seus personagens utilizando-se máscaras, fantasias e músicas. É nessa diversidade cultural que podemos perceber o encontro das manifestações tradicionais com as modernas.

Verifica-se que as máscaras são, além de arte, expressões de criatividade, poesia e a subjetividade. Há uma carga comunicacional que precisa ser lida sobre as vivências singulares refletidas através das máscaras. Portanto, as máscaras são produções que ao serem mescladas às minhas reflexões, compuseram o cenário das descobertas acerca das expressões culturais ribeirinhas.

Como pesquisadora, foi possível sentir, pensar e manifestar por meio de registro a análise imagética, de performance, considerando-se as máscaras como símbolos

iconográficos que nos fazem pensar sobre as manifestações corporais que refletem a sua visão de mundo.

Notas

¹ Goma: Massa grudenta originária da tapioca extraída da mandioca, após ser cozida cria textura e efeito de colagem.

² Fornada: Termo popular da região Tocantina para se referir a uma sequência de músicas no mesmo ritmo.

Referências

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Glaucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: EDUFMG, 1998.

BURKE, Peter. **Variedade de História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

HALL, Stuart. Quem precisa de Identidade? In: SILVA, Thomaz Tadeu (org.). **Identidade diferenças**: as perspectivas dos Estados culturais. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. Tradução de Thomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Organização de Liv Sovik; Tradução de Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: EDUFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-**IBGE**, [2018]. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticasnovoportal/sociais/educacao/9171-pesquisa-nacional-por-amostrade-domicilios-continua-mensal.html?=&t=destaques> . Acesso em: 04 jun. 2019.

SANTOS, Jose Luiz dos. **O que é Cultura**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

REVISTA novo Tempo Amazônia, Cametá, ano I, nº 1, 2002.

SALLES, Vicente. **Música e músicos do Pará**. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1970

TELES, Jalva Farias; BRITTO, Rosângela Marques de. Cordão carnavalesco “Última Hora”: uma tradição artística e cultural de carnaval dos ribeirinhos da Amazônia paraense, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2156-2168.



28º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas
Origens - Cidade de Goiás - 16 a 20 de setembro de 2019

Jalva Farias Teles

Mestranda em Artes Visuais ProfArtes/Udesc/UFPA (2018); Graduada em Educação Artística com Habilitação em Desenho pela Universidade da Amazônia (1999), especialista em educação especial inclusiva pela UNIASSELVI (2014), Docente da Prefeitura municipal de Cametá e da Secretária de Estado e Educação do Pará.

Rosangela Marques de Britto

Doutora em Antropologia pela UFPA (2014), Mestre em Educação pela Universidade da Amazônia (1998), especialista em Interrelações Arte Escola pela UFPA (1995). Docente da Faculdade de Artes Visuais e do Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGArtes) do Instituto de Ciências da Arte da UFPA e da Rede do Mestrado Profissional em Artes (PROF-Artes) Coordenado pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Artista Plástica. Membro da ANPAP/CPRC.

TELES, Jalva Farias; BRITTO, Rosangela Marques de. Cordão carnavalesco “Última Hora”: uma tradição artística e cultural de carnaval dos ribeirinhos da Amazônia paraense, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2156-2168.